

A LITERATURA E A CONDIÇÃO HUMANA

questões transdisciplinares

XVII ENCONTRO
INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDOS LITERÁRIOS

a N A I S



ANAIS DO XVII ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS LITERÁRIOS
REALIZADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ NO ANO DE 2020
NA MODALIDADE *ON-LINE*

ISSN 2179-4154

N. 11, 2020, V. ÚNICO

/ <https://interdisciplinar17.wixsite.com/inter/>



OS TEXTOS SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

Aline Leitão Moreira

Alyni Ferreira Costa

Bárbara Costa Ribeiro

Crislay Micaely Crisóstomo Maia

Elayne Castro

Fernângela Diniz da Silva

Francisca Carolina Lima da Silva

Francisca Yorranna da Silva

Gabriela Ramos Souza

Giselle Andrade Pereira

João Francisco de Lima Dantas

Johny Paiva Freitas

Karina de Moraes e Silva

Kedma Janaína Freitas Damasceno

Kleber Bezerra Rocha

María Alejandra Almonacid Galvis

Mariana Antônia Santiago Carvalho

Marta Nayara Freitas

Michel Miron de Melo

Nathalie Sá Cavalcante

Simone Lopes de Almeida Nunes

Prof. Doutor Yuri Brunello

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS

Bárbara Costa Ribeiro

Fernângela Diniz da Silva

Francisca Yorranna da Silva

João Francisco de Lima Dantas

COORDENAÇÃO [2020]

Prof. Doutor Yuri Brunello

Prof. Doutor Júlio Cezar Bastoni da Silva

Bárbara Costa Ribeiro

Fernângela Diniz da Silva

Francisca Yorranna da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária Biblioteca de Ciência Humanas

Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários (2020: Fortaleza, CE)

Anais do XVII Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários – A literatura e a condição humana: questões transdisciplinares – 7 e 8 de dezembro de 2020. / Organização: Francisca Yorranna da Silva, Bárbara Costa Ribeiro, Fernângela Diniz da Silva e Prof. Doutor Yuri Brunello. – Fortaleza: UFC, 2020. 269 f. il. color.

Tema: A literatura e a condição humana: questões transdisciplinares. Evento realizado pela Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Letras.

ISSN: 2179-4154

1. Literatura. 2. Literatura Comparada. 3. Análise literária. 4. Literatura e cultura. 5. Filosofia. 6. Tradução. I. Silva, Francisca Yorranna da (org.) II. Brunello, Yuri. III. Título.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
1 / ESTUDOS CLÁSSICOS, FILOSOFIA E LITERATURA.....	10
AS MUSAS NA LITERATURA DE CORDEL.....	11
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NA CONCEPÇÃO DE MATTHEW LIPMAN: EDUCAÇÃO PARA O PENSAR.....	18
O MITO DE DAFNE REVISITADO POR CLARICE LISPECTOR.....	25
O PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA: ENTRE MEMÓRIAS E <i>FLASHBACKS</i> NO ROMANCE <i>AS HORAS NUAS</i> , DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....	30
2 / LITERATURA E ENSINO: INTERDISCIPLINARIDADE EM SALA DE AULA.....	37
CHAPEUZINHO VERMELHO E A INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM SOBRE OS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	38
DE SUBALTERNA À SOBERANA – A REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS CIGANAS EM “O ENFORCADO”, DE ADRIANA LISBOA.....	43
<i>KAFKA E A BONECA VIAJANTE</i> DE JORDI SIERRA I FABRA: UMA HISTÓRIA MISTERIOSA E INSPIRADORA PARA PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA CRIATIVAS.....	51
REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA DE CORDEL: UM PERCURSO PELA SEMIÓTICA DISCURSIVA.....	61
3 / LITERATURA COMPARADA: RELAÇÕES ENTRE TEXTOS, ARTES E OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.....	69
A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE <i>NEIGHBOURS</i> , DE LÍLIA MOMPLÉ.....	70
A IMPLEMENTAÇÃO DA MODERNIDADE NO INÍCIO DA REPÚBLICA OLIGÁRQUICA ATRAVÉS DAS PEÇAS <i>OS DEUSES DE CASACA</i> E <i>AS DEUSAS DE BALÃO</i>	77
CARLOS DE OLIVEIRA NO ENSINO DO PORTUGUÊS LE: TRADUÇÃO LITERÁRIA E PÓS-MÉTODO.....	85
ENTRE O CRÍSSUS E O AMAZONAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE <i>EURICO, O PRESBÍTERO</i> E <i>SIMÁ, ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO DO RIO AMAZONAS</i>	96
FAZENDEIROS ROSIANOS ENTRE O MANDO E O ARREPENDIMENTO.....	103
O ENSINO DE LITERATURA E A IMERSÃO DO NARRADOR DE <i>INFÂNCIA</i> , DE GRACILIANO RAMOS, NO MUNDO LITERÁRIO.....	109
PARDO-PAVOR-PÂNICO.....	117
UMA PERSONAGEM, DUAS NARRATIVAS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA PERSONAGEM HALLA NAS OBRAS <i>A DESUMANIZAÇÃO</i> E <i>O PARAÍSO SÃO OS OUTROS</i> , DE VALTER HUGO MÃE.....	123
4 / LITERATURAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E SUAS RELAÇÕES COM O BRASIL: RECEPÇÃO, TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E APROPRIAÇÃO.....	130
DE REIS E FEITICEIRAS AO SUBÚRBIO CARIOCA: A RECEPÇÃO DA TRAGÉDIA EURIPIDIANA NA LITERATURA BUARQUIANA.....	131
DE SÃO PETERSBURGO AO RIO DE JANEIRO: INTER-RELAÇÕES ENTRE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI E LIMA BARRETO.....	138
LITERATURAS DE AUTORIA NEGRA BRASILEIRA E CARIBENHA: ASSENTAMENTOS DE RESISTÊNCIA EM NARRATIVAS DE AFETOS COMUNS.....	146
TRADUÇÃO INTERMIDIÁTICA: DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E JOGO ELETRÔNICO DE <i>A DIVINA COMÉDIA</i>	159
5 / QUESTÕES ÉTICO-POLÍTICAS NA LITERATURA: ECOCRÍTICA, <i>ANIMAL STUDIES</i> , ESTUDOS DE GÊNERO, CORPOS TRANSGRESSORES E EROTISMO, ESTUDOS DECOLONIAIS E LITERATURA INDÍGENA.....	165
A CARNE NUA E CRUA: UM ESTUDO SOBRE A INCONTIDA SEXUALIDADE DE LENITA.....	166

A DECOLONIALIDADE NA LITERATURA DE MIA COUTO.....	174
A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA FEMININA: A ANCESTRALIDADE NA FICÇÃO DE CRISTIANE SOBRAL.....	182
A POÉTICA DO SILÊNCIO: IMAGENS DA DITADURA MILITAR NOS CONTOS DE CAIO FERNANDO ABREU E DE BERNARDO KUCINSKI.....	190
AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO/CORPO NA (RE)CONSTRUÇÃO DO EU COMO UMA OUTRA DE SI MESMA EM <i>A MANTA DO SOLDADO</i> , ROMANCE DE LÍDIA JORGE.....	198
INTERPRETAR PARA ENSINAR: UMA ANÁLISE COMPARATISTA EM TRÊS CONTOS DE MARCELINO FREIRE.....	204
MARQUÊS DE SADE DA NARRATIVA AO CINEMA PORNOGRÁFICO: IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	210
NARRANDO A AMAZÔNIA: A BORRACHA, O TRABALHO E O HOMEM.....	217
O CONTRADITÓRIO FEMININO NA PERSONAGEM DÔRA, DE <i>DÔRA, DORALINA</i>	224
O “PRETO SEM SOBRENOME”, DE MONTEIRO LOBATO.....	232
SOBRE UMA PRODUÇÃO POÉTICA QUE NÃO SE DEIXA INTIMIDAR: FRAGMENTOS DE UM PENSAMENTO COM O ANIMAL.....	239
SURREALISMO, POLÍTICA E INOVAÇÃO DISCURSIVA.....	245
TODOS OS HOMENS SÃO SEUS PAUS? FERNANDA YOUNG EXPLICA.....	253
UM RASTRO DE PESTE NO UNIVERSO FEMININO: A TUBERCULOSE EM <i>FLORADAS NA SERRA</i> (1939), DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ.....	261

CARLOS DE OLIVEIRA NO ENSINO DO PORTUGUÊS LE: TRADUÇÃO LITERÁRIA E PÓS-MÉTODO

Gaia Bertoneri
Universidade de Turim (Itália)

Resumo

O presente estudo tem como objectivo reflectir sobre a própria experiência de ensino do português como língua estrangeira a estudantes universitários itálicos através da tradução como estratégia de aprendizagem. Em particular modo, se apresenta o contexto didático do curso de Língua Portuguesa para o Mestrado no Departamento de Línguas de Turim (Itália), sucessivamente se motiva a escolha de análise de um poeta tão peculiar como é Carlos de Oliveira e, em seguida, se analisa a proposta pedagógica apresentada aos alunos, ou seja, se reflecte a partir da *técnica mista* empregada na atividade de tradução desenvolvida como tentativa de ir ao encontro do *pós-método* na didática das línguas estrangeiras.

Palavras-chave: Carlos de Oliveira; Tradução; Didática; PLE; Pós-método.

Este contributo é o resultado de uma reflexão sobre a experiência didática do PLNM decorrida nos anos lectivos 2019/2020 e 2020/2021 no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras e Culturas Modernas da Universidade de Turim em Itália. Se trata de uma experiência linguística de docência para alunos universitários de nível B2 com o objectivo de alcançarem os níveis C1 do QuaREPE. Em primeiro lugar, se apresenta o contexto didático em que o curso foi lecionado, bem como os objetivos, o método, a avaliação e a bibliografia do mesmo; em segundo lugar, se motiva a importância de trabalhar a tradução pedagógica através da obra do autor português Carlos de Oliveira; em terceiro lugar, se apresenta a proposta pedagógica, ou seja, o texto para a atividade de tradução que é uma das crónicas mais representativas do autor. O presente estudo leva à conclusão que a estratégia didática apresentada pode ser considerada um exemplo de *pós-método* adequado para o ensino do PLE para estudantes universitários itálicos.

O contexto didático

O público-alvo do curso de língua portuguesa para o mestrado do Departamento de Línguas de Turim se apresenta vário: não se trata só de alunos piemonteses que tiram a licenciatura em Línguas na própria região, isto é, na cidade de Turim, bem como são numerosas as inscrições de estudantes de outras universidades italianas (como por exemplo, Bolonha, Roma, Bari, Pádua). Isto se deve principalmente ao facto de a Universidade de Turim ser uma das poucas academias italianas que permita aos alunos de se inscreverem no curso de Tradução do português para o italiano previsto para o curso de Mestrado. Embora exista essa possibilidade, há outros cursos em que os

estudantes se podem inscrever e estudar a língua portuguesa, e são: Línguas e Literaturas Modernas, Comunicação Internacional para o Turismo, Línguas Estrangeiras para a Comunicação Internacional. A esses cursos se acrescenta o de Area and Global Studies for International Cooperation do Departamento de Culturas, Políticas e Sociedade cujos alunos podem escolher o curso de língua portuguesa como exame opcional. Reunir alunos de várias áreas, percursos e regiões diferentes é um aspecto muito enriquecedor quer para os próprios alunos da turma quer para o próprio docente: o estímulo de diferentes opiniões faz com que todos os sujeitos da aula possam reflectir a partir de outro ponto de vista e, ao mesmo tempo, possam desenvolver um espírito crítico que se vai compondo por diferentes sinergias.

É preciso evidenciar que as aulas são dirigidas para ambas as anualidades de língua portuguesa para o mestrado: os alunos da primeira anualidade assistem as aulas juntamente com os alunos da segunda anualidade ou com aqueles que têm uma só anualidade (“annualità unica”). Se forma assim uma única turma. Se por um lado, juntar duas anualidades é o resultado da carência de professores em relação ao número de estudantes, por outro, se verifica que os próprios estudantes acabam por estar mais disponíveis para intervirem e interagirem na sala de aula e para colaborarem fora das mesmas. Apesar de o Departamento de Línguas de Turim oferecer um curso só para duas anualidades, o que é possível observar é que as inscrições dos alunos têm vindo a aumentar: 60 alunos inscritos no mestrado para o ano lectivo 2019/2020 e 86 para o curso do ano lectivo 2020/2021. É provável ter havido um aumento das inscrições dos alunos por terem tido a possibilidade de assistir às aulas à distância, e desta maneira a universidade favoreceu os estudantes que não moram no Piemonte. A experiência didática do ano lectivo de 2019/2020 analisada no presente estudo foi desenvolvida no estado de pandemia pelo Covid-19. A modalidade da didática à distância alterou o contexto da sala de aula, mas curiosamente tornou a experiência mais desafiante e se pôde voltar a propor para o ano lectivo de 2020/2021. Porém, neste estudo, o objectivo não é falar das consequências que o ensino a distância implicou nem apresentar uma análise formal da tradução, mas é focar a análise na importância e na eficácia da língua literária no ensino/aprendizagem do português como LE através da atividade de tradução proposta. Além disso, como será mostrado, a obra de Carlos de Oliveira aborda temáticas que se inserem no âmbito do volume “Literatura e Condição Humana: questões transdisciplinares”. Para o curso em questão, o *corpus* escolhido foi a recolha de crónicas *O Aprendiz de Feiticeiro* do poeta português Carlos de Oliveira. Antes de passar a expor uma proposta de tradução pedagógica da obra mencionada, se motiva a escolha de dar a conhecer Carlos de Oliveira a estudantes itálofonos de língua portuguesa e se apresentam os objectivos, o método, a avaliação e a bibliografia do curso mencionado.

Em primeiro lugar, o objectivo de estruturar um curso de PLE tinha como finalidade divulgar, num contexto universitário, um autor quase desconhecido em Itália homenageando a

tradutora e estudiosa italiana a que devemos a divulgação da obra de Carlos de Oliveira. Os textos críticos e as traduções da antologia *Trabalho poético* (Edizioni Accademia, 1975) e do romance *Finisterra: paisagem e povoamento* (Japadre Editore, 1979) se devem ao trabalho *certosino* da estudiosa Giulia Lanciani, falecida em 2018. Em segundo lugar, 2021 é um ano importante para Carlos de Oliveira porque se celebra o centenário do falecimento dele como também representa 40 anos desde a data da sua morte. Apesar disso, a celebração do autor parece passar à margem no mundo intelectual e académico, a começar por Portugal: Carlos de Oliveira, curiosamente, continua a ser um escritor eclipsado no panorama literário de proveniência. A ironia do destino parece demonstrar que Carlos de Oliveira tenha conseguido manter vivo o que ele próprio chama *complexo do iceberg*, ou seja, o estado marginalizado ao que o escritor português está sujeito biograficamente pela impossibilidade de expressar o que pensava mas também pelo esquecimento em que caiu (DE OLIVEIRA, 1992, p. 567). Para introduzir a proposta didáctica é preciso evidenciar que sem a leitura prévia de *O Aprendiz de Feiticeiro* os estudantes não compreenderiam muitos aspectos caros ao poeta e fundamentais para o próprio processo criativo, como, por exemplo, a importância da infância, a opinião acerca da sociedade portuguesa e dos escritores do seu tempo, o papel da mulher, a conceção da existência, entre outros. As crónicas reunidas em *O Aprendiz de Feiticeiro* são textos importantes para ensinar a poética de Carlos de Oliveira mas também para compreender as questões acerca da própria condição humana. Há no poeta uma intenção quase visceral de perceber a natureza humana, as fragilidades e as contradições, pensamento necessário para o poeta tentar manter vivo o próprio raciocínio. Daí se compreende a necessidade de escrever as crónicas “O iceberg”, “À espera de leitores” e “O que é o povo?”, em que o autor explica o contexto literário, às vezes mesquinho, em que escrevia e a necessidade de apoiar o Neo-Realismo não só pelas suas obras literárias mas também pela importância sociológica que o governo português daquela altura recusava aceitar.

Segundo os principais objectivos formativos do programa, o aluno devia: atingir o nível C1 do QECR e assimilar os conteúdos comunicativos e gramaticais que correspondem a esse nível, nomeadamente o aluno devia ser capaz de:

compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos [...] se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras [...] usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso. (ASA, 2001).

O nível do português a alcançar inclui o C1, mas tende a atingir o nível C2, por isso o estudante devia tentar ser capaz de:

Compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve e lê [...] resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um

modo coerente [...] se exprimir espontaneamente em modo fluente e com exactidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas. (ASA, 2001)

À conclusão do curso, como resultados atendidos juntamente àqueles mencionados, o aluno devia ser capaz de expor os assuntos do curso em língua portuguesa, demonstrar o conhecimento da bibliografia primária e secundária do programa bem como alguns mecanismos da tradução literária. O método escolhido para o curso previa 54 horas de didática presencial/à distância inclusive laboratórios de tradução. A avaliação estava estruturada em dois momentos: uma prova escrita que consiste na redação de uma recensão crítica e a apresentação dos mesmos durante um exame oral onde os estudantes tinham de demonstrar ter lido, compreendido e analisado a obra de Carlos de Oliveira e conseguir dar opiniões em relação ao *corpus* da disciplina. Como os programas dos anos lectivos de 2019/2020 e 2020/2021 incluíam o estudo da recolha de crónica *O Aprendiz de Feiticeiro* (1971) e do romance *Finisterra: paisagem e povoamento* (1978), a avaliação foi feita acerca dos mesmos invertendo a tarefa para a prova escrita. Os alunos tinham de entregar dois trabalhos: no ano lectivo de 2019/2020 *Finisterra: paisagem e povoamento* foi a obra que os alunos tinham de traduzir do português para o italiano e *O Aprendiz de Feiticeiro* serviu para a redação da recensão crítica. Cada aluno se dedicou à tradução de um ou meio capítulo do romance. No ano lectivo de 2020/2021, *O Aprendiz de Feiticeiro* foi o texto escolhido para o trabalho de tradução, isto é, cada aluno traduziu do português para o italiano uma ou meia crónica e *Finisterra: paisagem e povoamento* foi o livro sobre que os estudantes tinham de escrever a recensão crítica. No exame oral, os estudantes apresentaram os próprios trabalhos reflectindo sobre a língua literária de Carlos de Oliveira e as escolhas de tradução apresentadas no seus trabalhos escritos. A avaliação foi feita em dois momentos do curso: a primeira foi baseada na redação de um trabalho escrito, que os estudantes tinham de entregar antes de se apresentarem no exame oral, e a segunda foi feita depois do exame oral final. Durante o exame oral, os alunos falavam PLE, recorrendo, inicialmente, à LM para falar dos conteúdos gramaticais. Em relação à bibliografia, além das referências primárias acima citada, o programa apresenta alguns textos críticos como o ensaio “L’ostinato rigore” (LANCIANI, 2017) e um volume de introdução à análise da obra do autor intitulado *A poesia de Carlos de Oliveira* (GUSMÃO, 1981). Foi aconselhado aos estudantes de acompanhar o estudo dos textos citados com a leitura de dois manuais de referência, ou seja, *A Chama e As Cinzas. Um quarto de século da literatura portuguesa (1974-2000)* (BARRENTO, 2016) e *Il Novecento in Portogallo* (LANCIANI, 2014). Dessa maneira, os estudantes tiveram a possibilidade de analisar a obra quer na própria LM quer no PLE. Dado que o programa foi pensado para um curso de língua estrangeira dirigido a estudantes itálofonos, cuja maioria tem como língua materna o italiano, na primeira parte do curso, se achou importante dar aos alunos textos redigidos em português que pudessem apresentar os conceitos-chave da obra de Carlos de Oliveira oferecendo uma abordagem

mais introdutória para depois passar a alguns ensaios que aprofundam algumas questões marcantes da obra do poeta (EIRAS, 2007; CRUZ, 2008; SILVESTRE, 2011).

Apresentar Carlos de Oliveira numa aula de PLE: *a actualidade do inactual*

Carlos de Oliveira (1921-1981) é um poeta associado ao movimento do Neo-Realismo português. Apesar disso, a crítica reconhece que o processo criativo do autor teve uma evolução diferente em relação aos autores associados ao Neo-Realismo. Em relação aos seus amigos neorrealistas como, por exemplo, João José Cochofel e Joaquim Namorado, Carlos de Oliveira apresenta na sua poética um lado trágico caracterizado pelo tom *intelectual* e *metafísico* (LOURENÇO, 2007). O poeta obteve um lugar especial na literatura portuguesa do século XX pelo desenvolvimento na reflexão de alguns temas, nomeadamente, por uma nova maneira de dar voz ao povo (CRUZ, 2008), de considerar a mulher já não só como amada, mas como amiga firme e sempre presente (LOURENÇO, 2007) e por ter desenvolvido, e além dos anos ter sofisticado, um verdadeiro *trabalho poético* em que a disciplina se torna a marca estilística do mesmo (GUSMÃO, 1981; CRUZ, 1999, 2008). Os textos de Carlos de Oliveira apresentam uma série de peculiaridades que levam o poeta a afirmar que a sua obra é fortemente marcada pelo “tom precário” e pela “opressiva brevidade” (DE OLIVEIRA, 1992, p. 588), elementos residuais que se relevam claramente nas suas crónicas e que não concernem só temas, como por exemplo o regresso à infância pobre em que viveu o poeta, mas também são visíveis no aspecto formal da sua poesia, e que são o resultado de uma fase de depuração da escrita para atingir a essência poética (CRUZ, 2008), e que se vai relevando claramente ao longo da prosa poética *Finisterra: paisagem e povoamento*.

O crítico e tradutor João Barrento atribui ao romance *Finisterra: paisagem e povoamento* (1978) a matriz do novo discurso da ficção portuguesa. Barrento fala dos ‘efeitos-*Finisterra*’, isto é, um conjunto de características estilísticas que se apresentam pela primeira vez no texto de Carlos de Oliveira de 1978 e que influenciaram os romances que seguiram:

Dois dos mais evidentes “efeitos-*Finisterra*” – chamemos-lhe assim – em autores posteriores são, para além da já referida polifonia, a modulação uniforme da linguagem responsável pelo *registo poético* também na prosa, e, por outro lado (traço já dominante no romance modernista), a tendência para a reflexão, o *momento ensaístico* em muitos romances ou obras de prosa. (BARRENTO, 2016, p. 77)

Ao falar do romance *O Homem sem Qualidades* de Robert Musil que traduziu para português, João Barrento, num recente artigo, afirma que uma maneira de definir uma obra clássica é através daquilo que cada leitor *pode* ler nela, ou seja, quanto mais caminhos de interpretação oferece um livro, tanto mais leitores atrai, desta maneira a obra literária se mantém actual na sua (quase) nula aparente projecção (BARRENTO, 2021). Tendo em conta a opinião de Barrento, da

mesma maneira se poderia definir a obra de Carlos de Oliveira: esquecida ou pouco conhecida, mas sempre *actuante* para o leitor que se aproxima dela. Nos livros desse escritor, há uma estratégia narrativa recorrente: enfatizar a contemplação como momento fundamental para que ele se possa pronunciar acerca do mundo e assim alcançar o que considera a verdade (MARGATO, 2009). Nesse sentido, eis que *O Aprendiz de Feiticeiro* e *Finisterra: paisagem e povoamento* se revelam iluminantes para os alunos: se *O Aprendiz de Feiticeiro* favorece a compreensão da poética do autor, então o romance *Finisterra* é a prova de como levar os estudantes à contemplação. Nas crônicas “O Iceberg” e “Coisas desencadeadas”, incluídas em *O Aprendiz de Feiticeiro*, o poeta lembra que a tecnologia se virou contra a sociedade: “Romance, filosofia, simples convivência, em cartas. Depois as revoluções industriais mataram tudo isso [...] Numa palavra, empobreceram-nas confessionalmente” (DE OLIVEIRA, 1992, p. 571) e “Refiro-me aos perigos dum outro apocalipse, por dentro, menos espectacular mas também destruidor: a tecnocracia; a habituação passiva ao mecanismo, a uma atmosfera de metal diluído; e a idolatria, a sufocante obsessão dos objectos, fomentada por um aparelho publicitário formidável.” (DE OLIVEIRA, 1992, p. 582). Por isso, é compreensível a necessidade de elencar os elementos básicos para a atividade do poeta: “O trabalho oficial é o fulcro sobre que tudo gira. Mesa, papel, caneta, luz elétrica. E horas e horas de paciência, consciência profissional.” (DE OLIVEIRA, 1971, p. 587). É como se o autor precisasse de coisas materiais que o focassem na criatividade para não se perder no caos do mundo. O contexto minimalista que Carlos de Oliveira procura lhe é útil para chegar a um texto “despojado” e “deduzido de si mesmo” (DE OLIVEIRA, 1992, p. 587). O essencial se torna necessário para ele se manter lúcido e lhe permitir resistir contra a corrupção humana. Carlos de Oliveira exige recolhimento na contemplação, ou seja, pretende que o leitor, como o autor, pense e aprofunde os sentidos da linguagem que faz parte de um processo de evolução da consciência humana para favorecer a “encomenda social”, como a chama o poeta citando Maiakovski (DE OLIVEIRA, 1992, p. 583). Essa introdução ao poeta foi fundamental para apresentar didaticamente um escritor tão singular como Carlos de Oliveira. Como se observará, na crônica apresentada na sala de aula com vista à tradução, o autor relembra o contexto rural que alimentou a sua escrita e lhe serviu de matéria para escrever alguns poemas reunidos no volume *Micropaisagem* de que nos fala na crônica homônima redigida em 1969 e integrada em *O Aprendiz de Feiticeiro*. Nesse texto, há pontuais referências aos mundos vegetal e mineral que constituem a memória da sua infância. Em particular modo, há referência à aldeia pobre de Nossa Senhora das Febres localizada na região da Gândara que é sub-região do centro litoral português, território perto de Coimbra, e espaço caracterizado pela planura e pelos seus solos arenosos. Ensinar língua portuguesa em Turim, a cidade italiana onde a economia está associada à produção industrial (se pense na notoriedade internacional das empresas de automóveis FIAT, de chocolate Ferrero e Caffarel e do café Lavazza) levanta outro aspecto

importante: por um lado apresentar a realidade espacial como a da Gândara significa dar a conhecer um contexto bem diferente daquele urbano característico da cidade de Turim onde os alunos aprenderam a língua estrangeira, por outro lado os estudantes tiveram de ser ainda mais atentos em relação às suas escolhas linguísticas tentando assim imitar o *rigor* alcançado por Carlos de Oliveira.

A proposta de atividade de tradução estimulou os estudantes à reflexão meta-linguística, isto é, analisando o trabalho criativo de Carlos de Oliveira tiveram oportunidade de reflectir acerca das escolhas formais do autor para tentar recriar o mesmo processo na atividade de aprendizagem. Por isso, foi muito importante introduzir o autor e a sua poética com vista à leitura e à tradução do texto mencionado.

Não seria essa a função pedagógica da literatura e a expectativa de um professor de língua estrangeira? O docente não deveria encorajar os alunos à observação do processo de escrita de um autor, à reflexão para eles aprofundarem o próprio espírito crítico na aprendizagem da língua?

Proposta pedagógica e o pós-método

Em primeiro lugar, durante a aula, antes de passar a ler a primeira parte da crónica abaixo citada, tendo em conta a introdução à poética do autor antes apresentada, foram referidos brevemente, os sete elementos que o autor considera no seu processo criativo: 1) o surgimento de uma obra; 2 e 7) a paisagem da infância; 3 e 4) a importância da memória e do leitor; 5) a ideia de trabalho oficial; 6) a relação entre escrita e passado. Nessa primeira fase da atividade de tradução, foi importante voltar a fazer referência ao contexto histórico-cultural salazarista em que Portugal viveu e que se reflecte claramente em *O Aprendiz de Feiticeiro*. Em segundo lugar, se tentou dar espaço à leitura crítica dos estudantes, favorecendo um clima de interação entre os alunos para que se sentissem à vontade em expressar a própria opinião e ao mesmo se disponibilizassem para ouvir a opinião dos outros. Esse segundo momento foi fundamental para perceber as leituras de referências e as preferências literárias dos estudantes quer na LM quer na LE pertinentes a relevar linhas de interpretação e investigação acerca do texto do autor. Recorrer à intertextualidade é uma maneira inteligente para compreender o processo criativo de Carlos de Oliveira e a turma foi estimulada para isso. Nas aulas já tinha sido apresentada a crónica “Corvos”, revisitação do poema “The Raven” escrito por Edgar Allan Poe, e já tinha sido evidenciado que Carlos de Oliveira entende a sua obra graças ao confronto permanente da criação dos outros, como se pode relevar em “Micropaisagem” quando o autor afirma que “os escritores que contam são aqueles que acrescentam ou opõem alguma coisa ao que já existe, ou o exprimem de maneira diferente, mas cortes totais, rupturas, não se dão” (DE OLIVEIRA, 1992, p. 588). Em terceiro lugar, se leu o texto na versão integral, e sucessivamente se passou à atividade tradução da crónica aqui em parte citada:

- 1) “Micropaisagem” não é um desses livros súbitos de que fala Eda Olivier, textos de origem vulcânica, servindo-se do autor como um dum simples médium e jorrando torrencialmente, em pouco tempo”. Antes pelo contrário: obra lenta, elaborada com todo o vagar na “alquimia” dos papéis velhos [...] Neste livro, porém, o poema “Debaixo do Vulcão” (sugestão do título? coincidência?) foi escrito velozmente a partir dum mero jogo espontâneo de palavras e mandado mais tarde para a tipografia sem nenhuma emenda. Lava? Não, não exageremos. O resto é trabalho vagaroso. Feito, desfeito, refeito, rarefeito.
- 2) Meu pai era médico de aldeia, uma aldeia pobríssima: Nossa Senhora das Febres. Lagoas pantanosas, desolação, calcário, areia. Cresci cercado pela grande pobreza dos camponeses, por uma mortalidade infantil enorme, uma emigração espantosa. Natural portanto que tudo isso me tenha tocado (melhor, tatuado). O lado social e o outro, porque há outro também, das minhas narrativas ou poemas publicados (quatro romances juvenis e alguns livros de poesia) nasceu desse ambiente quase lunar habitado por homens e visto, aqui para nós, com pouca distanciação. A matéria de alguns poemas da “Micropaisagem”, talvez mais desencantada, mais indirecta, é a mesma. O que não quer dizer evidentemente que tenha desaproveitado experiências diferentes (ou parecidas) que a vida e a cultura me proporcionaram.
- 3) Neste livro, o tema da memória surge várias vezes. A memória, uma estalactite. Certo dia, rebentando como de costume (a tiros de pólvora) uma das breves colinas gandaresas donde extraem a sua cal, os camponeses viram com espanto que a colina era oca. Estalactite suspensas do céu calcário. Gotas de água? De pedra? Por esta referência longínqua e autêntica começa o primeiro poema do livro. Mas não só a memória. Também o tempo, a elaboração do poema através dos estratos sobrepostos do tempo, com um rigor que simula a recção química ou um pequeno sistema planetário. Todo esses rigor, toda essa frieza, partiram assim do real, do quotidiano. O livro, qualquer livro é uma proposta feita à sensibilidade, à inteligência do leitor: são elas que em última análise o escrevem. (DE OLIVEIRA, 1992, p. 586).

Ao falar das memórias que ecoam no homónimo volume de poemas, Carlos de Oliveira mostra como “a ação do leitor, de alguma forma, já está prevista no poema [...]” (GANDOLFI, 2007, p. 75). Nessa crónica se evidencia a necessidade de explicar o processo de construção de *Micropaisagem*, e “através disso de agudizar a consciência das palavras como matéria significativa, constituída por uma forma sonora e gráfica (visual) e, ao mesmo tempo, instrumento de representação-criação-transformação do mundo exterior, das coisas que não têm voz.” (GUSMÃO, 1981, p. 50). Nesse texto é portanto evidente a relação de proximidade entre ‘paisagem’ e ‘linguagem’. Para Carlos de Oliveira “Micropaisagem” é “um texto diante do espelho: vendo-se, pensando-se” (DE OLIVEIRA, 1992, p. 587). A linguagem reflecte a memória da paisagem da sua infância através do tempo, isto é, um mundo onde a transformação se repete constantemente. Se pode interpretar o interesse extremo do autor pelos mundos vegetal e mineral não só como imagem da infância, mas também como experiência visual de aproximação e/ou distanciamento daquele mesmo passado. Talvez isso possa ser interpretado também como uma contra-tendência ao sistema político ditatorial daquela altura: mudar o ponto de vista da visão era uma maneira de lidar com a repressão da ditadura portuguesa. Os modos de ver caros ao escritor parecem se tornar ainda mais poderosos graças aos dispositivos icónicos como espelhos, vidros, janelas e lupas citados também nos seus textos (se veja as crónicas “Janela acesa”, “Chuva” ou “Imagem turva” ou o romance *Finisterra: paisagem e povoamento*). É importante acompanhar os estudantes na análise dos aspectos mencionados para eles estarem mais confiantes na atividade de tradução proposta.

O primeiro trabalho de tradução foi realizado em conjunto: na qualidade de docente se acompanhou uma primeira tradução oral de grupo L2->L1 (ponto 1 da crónica). A segunda atividade foi o exercício de tradução L2->L1 feito em autonomia com a sucessiva comparação das versões redigidas pelos alunos (pontos 1, 2 e 3 da crónica). Para a realização dessa atividade, se formaram três grupos de alunos (A, B e C) e lhes foi atribuído um dos três pontos presentes na crónica (A->ponto 1, B->ponto 3, C-> ponto 3). Numa aula sucessiva, foram comparadas as traduções escritas L2->L1 de alguns aprendizes dos vários grupos. Como terceira atividade de tradução, na sala de aula onde se compararam as várias versões de tradução, foi pedido aos alunos uma tradução-resumo L2->L1 dos pontos que não tinham traduzido na segunda atividade. A proposta de tradução analisada considerou o que Kumaravadivelu apelidou *pós-método*, ou seja, a tentativa de pensar em novas e múltiplas respostas pedagógicas Kumaravadivelu (1994). Para tal, Kumaravadivelu propôs dez macroestratégias para potenciar a aprendizagem, entre essas há a “ativação da heurística intuitiva” que é provocada pela exposição do aluno a vários textos e que atribui à comparação linguística uma espécie de estímulo à dedução. O texto proposto para a tradução que se apresentou como trabalho oral e escrito durante a sala de aula e como atividade a ser desenvolvida em autonomia por parte dos alunos vai ao encontro dessa macroestratégia proposta por Kumaravadivelu. A teoria desse estudioso parece responder de maneira mais eficaz à didática do português para estudantes itálofonos que querem alcançar um nível C1/C2 da língua estrangeira. Outro estudioso que foi importante para a preparação das nossas atividades foi David Atkinson que demonstrou que há aspectos associados à tradução que vão além do uso mecânico das palavras: ela nos obriga a pensar comparativamente a LM e a LNM, e assim encoraja e disponibiliza os aprendizes ao desafio, repondo uma situação da vida real que oferece como proposta pedagógica a tradução de um texto literário (ATKINSON, 1993). Atkinson evidencia a importância de dois casos: a tradução-resumo de um texto de um livro e a comparação das versões de um mesmo texto traduzido pelos alunos. A última consiste na leitura/escuta e em seguida na tradução sintética oral ou escrita de um texto ou de um parágrafo com a função de reproduzir uma atividade da vida real. O trabalho que foi feito a partir da crónica “Micropaisagem” foi optar por uma técnica mista de proposta de tradução pedagógica que abrangesse as várias teorias mencionadas. Portanto, se na primeira atividade de tradução de grupo se pretendeu estabelecer uma relação de diálogo com o texto, a segunda atividade de tradução tinha a função de estimular os alunos a ter em conta o contexto tendo cuidado do significado pragmático das palavras e escolhidas, e a terceira atividade, a tradução-resumo, foi desenvolvida oralmente para facilitar uma certa fluência natural no exercício de tradução oral na salas de aula.

Se, por um lado, a tradução foi uma das atividades didáticas mais aplicadas no ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras do século XX (CALVI, 2000), definida como uma

das técnicas pedagógicas mais eficaz (ATKINSON, 1993) e considerada a quinta habilidade linguística do aprendiz de línguas estrangeiras (BALBONI, 2002), por outro, a tradução como atividade que pretende aprofundar o conhecimento da língua literária no âmbito do ensino do PLE de nível avançado e dirigida para estudantes universitários itálofonos ainda merece de um importante debate na academia. Hoje em dia, como defende Corrêa “para incorporar a tradução de uma forma nova no ensino/aprendizagem de LNM [...] é preciso abandonar os velhos formatos metodológicos e repensar o ensino de modo mais reflexivo, crítico e dinâmico” (CORRÊA, 2014).

Em conclusão, o texto proposto para as atividades de tradução aqui apresentado serviu para dar a conhecer a língua literária de Carlos de Oliveira no âmbito de um curso de português língua estrangeira para estudantes universitários itálofonos que pretendiam alcançar o nível C1/C2. Para tal, se achou mais adequado escolher uma técnica mista de tradução que previa três atividades diferentes: 1) tradução oral L2->L1 2) comparação das traduções L2->L1 dos alunos 3) tradução-resumo L2->L1. Se preferiu trabalhar na tradução com uma *técnica mista* para estimular mais os alunos e favorecer os momentos de partilha do exercício desenvolvidos em grupo e oralmente. Esse tipo de trabalho levou à conclusão que é necessário repensar a atividade de tradução num curso de PLE para estudantes itálofonos que possa ir mais ao encontro do que hoje em dia se tornou razão de debate no ensino de línguas estrangeira e que é conhecido como *pós-método*. A escolha de utilizar a tradução através dos métodos de ensino sugeridos por Balboni, Kumaravadivelu e Atkinson se motivou com o facto de fazer com que os alunos-tradutores fossem mais sensíveis e autónomos e se tornassem, como os definem Atkinson, “mosaicos multiculturais” deles mesmos (ATKINSON, 1994, p. 41).

Referências

ATCKINSON, David. **Teaching monolingual classes**. Essex: Longman, 1993.

BALBONI, Paolo. **Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse**. Torino: Utet, 2002.

BARRENTO, João. A actualidade dos inactuais. *In: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 27/01-09/02/2021. Portugal, p. 9.

BARRENTO, João. **A Chama e as Cinzas. Um quarto de século de literatura portuguesa (1974-2000)**. Lisboa: Bertrand Editora, 2016.

CALVI, Maria Vittoria. La traduzione nell'insegnamento linguístico. *In: MELLONI, Alessandra; LOZANO, Rafael; CAPANAGA, Pilar (a cura di). Interpretar, traducir textos de la(s) cultura(s) hispánica(s): atti del Convegno internazionale interpretare tradurre testi delle culture ispaniche, Forlì, 21-23 ottobre 1999*. Bologna: CLUEB, 2000, pp. 327-342.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Europeu de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação**. Tradução de Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/fichaspraticas/formulario/quadro_niveiscomuns.html Acesso em: 3 mar. 2021.

CORRÊA, Elisa Figuera de Souza. **A língua materna e a tradução no ensino-aprendizagem de língua não-materna: uma historiografia crítica**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2014. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1112745_2014_completo.pdf, Acesso em: 16 fev. 2021.

CRUZ, Gastão. **A vida da poesia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

DE OLIVEIRA, Carlos. O Aprendiz de Feiticeiro. *In: Obras de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Caminho, 1992, pp. 409-599.

DE OLIVEIRA, Carlos. Finisterra: paisagem e povoamento. *In: Obras de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Caminho, 1992, pp.1005-1155.

DE OLIVEIRA PONTES, Valdecy. “Tradução, sociolinguística e ensino de línguas”. *In: LORENÇO DE CARVALHO, Tatiana; DE OLIVEIRA PONTES, Valdecy. Ensino de Línguas: desafios e perspectivas*. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: Edições UERN, 2014, p. 16-26. Disponível em <https://ppgpoet.ufc.br/wp-content/uploads/2017/05/traducaoensinodelinguasdesafioseperspectivas.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

GUSMÃO, Manuel. **A poesia de Carlos de Oliveira**. Lisboa: Seara Nova, 1981.

KUMARAVADIVELU, Bala. The Post-method Condition: Emerging Strategies for Second/Foreign Language Teaching. *In: TESOL Quarterly*. Vol. 28, No.1. (Spring 1994), pp. 27-48. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0039-8322%28199421%2928%3A1%3C27%3ATPC%28SF%3E2.0.CO%3B2-2>, Acesso em: 5 mar. 2021.

LANCIANI, Giulia. “Il processo genetico nella formazione del testo di Carlos de Oliveira”. *In: Veredas 8. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Porto Alegre: Coimbra University Press, 2007, p. 331-346.

LOURENÇO, Eduardo. **Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista**. Lisboa: Gradiva, 2007.

OLIVEIRA, Carolina Santos. **Ensinar a literatura em contexto de português língua estrangeira a alunos universitários italianos**. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2011. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/7234>, Acesso em: 25 fev. 2021.